

AÇÕES EDUCATIVAS SOBRE ENGASGO EM CRIANÇAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM COM GESTANTES EM ARACRUZ/ES

Caroline Bastos Vila Real Guervich (carolineguervich@gmail.com)

Aluna de graduação do curso de Enfermagem

Julia Avancini Lopes (juliaavancinilopes@hotmail.com)

Aluna de graduação do curso de Enfermagem

Diogo Peroni Corona Gatt (diogogatt@gmail.com)

Aluno de graduação do curso de Enfermagem

Alicy Cristina Domingos Barbosa (alicydomingos272@gmail.com)

Aluna de graduação do curso de Enfermagem

Layla Mendonça Lirio (layla.lirio@fsjb.edu.br)

Docente do curso de graduação em Enfermagem

RESUMO

Objetivo: Relatar a experiência de acadêmicos de Enfermagem na condução de uma ação educativa sobre obstrução de vias aéreas por corpo estranho (OVACE) em bebês e crianças, dirigida a gestantes e familiares em um município do Espírito Santo. Metodologia: Relato de experiência, de abordagem descritiva, fundamentado em depoimentos reflexivos produzidos por acadêmicos após a realização de uma atividade de extensão sobre manobras de desengasgo, realizada em 30 de agosto de 2025, em Aracruz/ES. Resultados: Os estudantes identificaram desconhecimento e insegurança inicial por parte dos participantes quanto às manobras de primeiros socorros diante do engasgo, bem como grande interesse em aprender técnicas corretas. Ao longo da exposição teórico-prática, observou-se crescente envolvimento, com realização de perguntas, reprodução dos movimentos demonstrados e maior confiança para agir em situações de emergência. A atividade favoreceu o desenvolvimento de habilidades de comunicação, educação em saúde e segurança na orientação da comunidade, reforçando o papel do enfermeiro na prevenção de acidentes infantis. Considerações finais: A experiência evidenciou que ações educativas sobre OVACE são bem recebidas e percebidas como necessárias por gestantes e familiares, contribuindo para o empoderamento de cuidadores e para a formação crítica dos acadêmicos de Enfermagem.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em saúde. Engasgo. Enfermagem. Primeiros socorros. Criança.

1 – INTRODUÇÃO

A obstrução de vias aéreas por corpo estranho (OVACE) é uma das principais causas de morte acidental na infância, sobretudo em menores de cinco anos, faixa etária em que o comportamento exploratório e a imaturidade anatômica e funcional aumentam o risco de aspiração e engasgo (LIMA; BARROS; MAIA, 2021; SOUZA et al., 2025). No Brasil, dados oficiais indicam que mais de 94% dos casos de asfixia por engasgo ocorrem em crianças menores de sete anos, o que evidencia a relevância desse agravo como problema de saúde pública (BRASIL, 2022).

A OVACE caracteriza-se pela interrupção parcial ou total do fluxo aéreo em decorrência da aspiração de alimentos, líquidos ou objetos, podendo evoluir rapidamente para hipoxia, parada cardiorrespiratória e óbito se não houver intervenção imediata e adequada (LIMA; BARROS; MAIA, 2021; SOUZA et al., 2025). Apesar da gravidade, estudos mostram que pais, gestantes e

puérperas frequentemente apresentam conhecimento insuficiente sobre sinais de engasgo e sobre as manobras corretas de desobstrução, o que aumenta o tempo de resposta e o risco de desfechos desfavoráveis (PINHEIRO et al., 2021; TELES et al., 2021; NUNES et al., 2025).

Nesse contexto, a educação em saúde voltada a familiares e cuidadores configura estratégia central para a prevenção de acidentes e para o preparo da população leiga frente a situações de emergência, transformando-os em primeiros socorristas potenciais até a chegada do atendimento profissional (SOUZA et al., 2025; NUNES et al., 2025). Intervenções educativas diversas – como oficinas presenciais, simulações e vídeos – têm demonstrado impacto positivo no aumento do conhecimento e da confiança de pais e mães quanto às manobras de desengasgo em recém-nascidos, lactentes e crianças (NUNES et al., 2025; SOUZA et al., 2025).

A Enfermagem, por sua inserção na Atenção Primária, no pré-natal e em serviços materno-infantis, assume papel estratégico na condução de ações educativas sistemáticas sobre prevenção de acidentes e primeiros socorros na infância, incluindo OVACE (LIMA; BARROS; MAIA, 2021; SOUZA et al., 2025). Além de qualificar o cuidado, tais ações contribuem para a formação crítica de acadêmicos de Enfermagem, que exercitam habilidades de comunicação, liderança de grupos e articulação ensino-serviço-comunidade.

Dante da relevância epidemiológica da OVACE e da necessidade de fortalecer estratégias educativas voltadas a gestantes e familiares, este artigo tem por objetivo relatar a experiência de acadêmicos de Enfermagem na realização de uma ação educativa sobre manobras de desengasgo em bebês e crianças com gestantes do município de Aracruz/ES, desenvolvida na modalidade extensão, enquanto o projeto de pesquisa encontrava-se em tramitação ética.

2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A aspiração/obstrução de corpo estranho (ACE/OVACE) permanece entre os acidentes mais relevantes na infância, especialmente nos primeiros cinco anos de vida, quando curiosidade, via oral como meio de exploração e imaturidade da deglutição elevam o risco de engasgo (BONETTI, 2014; BORGES; SOUZA; PINTO, 2018; CARVALHO; ANTUNES; ARANHA JUNIOR, 2017; DRUMOND JUNIOR; FREITAS, 2015). Esse enquadramento epidemiológico destaca o papel dos cuidadores na prevenção, pois pequenos brinquedos e certos alimentos são fatores predisponentes frequentes, com potencial para evolução rápida e desfechos graves quando a identificação e a conduta são tardias.

Quanto aos mecanismos e riscos, a ACE decorre de falhas no reflexo de proteção laríngea e no controle da deglutição, somadas a hábitos como falar ou rir durante a alimentação e à oferta inadequada de consistências, o que facilita a aspiração de alimentos e objetos (BORGES; SOUZA; PINTO, 2018; CARVALHO; ANTUNES; ARANHA JUNIOR, 2017). O reconhecimento precoce dos sinais de obstrução e a diferenciação da gravidade são determinantes para reduzir sequelas e óbitos (DRUMOND JUNIOR; FREITAS, 2015).

No campo da prevenção e das condutas, recomenda-se vigilância sobre alimentos e objetos de risco e o desencorajamento de práticas leigas perigosas. Entre elas, destaca-se a orientação de não realizar “varredura às cegas” com os dedos em bebês conscientes, pois a tentativa pode empurrar o corpo estranho ainda mais para a laringe e agravar o quadro (RODRIGUES, 2016). Essa advertência aparece de forma explícita na fundamentação do projeto, em consonância com a literatura de segurança em primeiros socorros pediátricos.

A educação em saúde surge como estratégia estruturante: oficinas com demonstração prática e simulação realística, linguagem acessível e foco na rotina familiar elevam conhecimento e autoconfiança de cuidadores; por isso, gestantes no pré-natal constituem público prioritário, em fase de construção de competências para o cuidado do recém-nascido (MENDES; PONTES; MACIEL, 2019; ROCHA, 2017).

3 – METODOLOGIA DO TRABALHO OU DESENVOLVIMENTO

Trata-se de um relato de experiência, de natureza descritiva, ancorado na perspectiva qualitativa, elaborado a partir de depoimentos escritos por acadêmicos de Enfermagem que ministraram uma capacitação teórico-prática sobre OVACE em bebês e crianças.

A ação ocorreu em 30 de agosto de 2025, no município de Aracruz/ES, dirigida principalmente a gestantes, pais, mães e integrantes da rede de apoio (como avós). A atividade foi planejada como extensão universitária, sem aplicação de instrumentos de pesquisa ou coleta sistematizada de dados naquele momento, em função de o projeto de pesquisa ainda aguardar aprovação ética.

Após a atividade, os acadêmicos foram convidados a registrar, por escrito, suas percepções sobre o público, o processo educativo e os efeitos observados, sob forma de depoimentos reflexivos. Esses relatos foram posteriormente organizados e analisados de forma descritiva, preservando o caráter experiencial e formativo da vivência.

4 – RESUTADOS E DISCUSSÕES

A capacitação foi estruturada em exposição dialogada, seguida de demonstração prática das manobras de desengasgo em bebês e crianças, com uso de manequins e simulações. Foram abordados conceitos sobre OVACE, sinais de alerta, alimentos e objetos de maior risco, tempo de resposta e indicação de acionamento dos serviços de emergência. A experiência observada reforça achados que apontam baixo nível de conhecimento de gestantes, puérperas e outros cuidadores acerca dos sinais e condutas diante do engasgo, com insegurança para agir sem orientação profissional (PINHEIRO et al., 2021; TELES et al., 2021; SOUZA et al., 2025). No início, parte dos presentes verbalizou receio de “fazer algo errado”, em consonância com a literatura que descreve dificuldades em diferenciar obstrução parcial e total, reconhecer alimentos de risco e compreender a importância do tempo de resposta (LIMA; BARROS; MAIA, 2021; TELES et al., 2021).

A participação evoluiu à medida que a prática avançava. Caroline Bastos Villa Real Guervich registrou que “durante a prática, pais e mães imitaram nossos gestos de desengasgo, demonstrando empenho em aprender a técnica”, destacando também a presença de “mães, pais e avós”, o que amplia o alcance preventivo da intervenção. Esse engajamento dialoga com evidências de que estratégias interativas e demonstrações com linguagem acessível favorecem a aprendizagem e a autoconfiança de cuidadores frente ao engasgo (NUNES et al., 2025; SOUZA et al., 2025). Alicy Cristina Domingos Barbosa acrescentou que, embora alguns estivessem tímidos no começo, “com a explicação e a prática houve maior envolvimento e surgiram mais perguntas”, reforçando o papel do treino prático para reduzir a hesitação inicial.

O conteúdo também abordou lacunas específicas destacadas por Diogo Peroni Corona Gatt: “a maioria das mães presentes não possuía conhecimento prévio sobre o tema, especialmente quanto ao tempo de resposta para agir e aos alimentos mais propensos a causar obstrução, como pedaços grandes de frutas, balas e salsichas”. A ênfase nesses pontos está alinhada às recomendações de prevenção e à necessidade de desestimular condutas leigas potencialmente danosas, como intervenções às cegas na cavidade oral (LIMA; BARROS; MAIA, 2021; TELES et al., 2021). Em termos de impacto percebido, Júlia Avancini Lopes sintetizou: “ensinar as manobras transforma a população leiga em potenciais socorristas, capazes de intervir antes da chegada do atendimento profissional”, achado coerente com intervenções que demonstram ganho de conhecimento e segurança após oficinas e materiais instrucionais (NUNES et al., 2025; SOUZA et al., 2025).

O recorte de gestantes como público prioritário mostrou-se oportuno, pois intervenções no pré-natal e no puerpério imediato tendem a repercutir nos primeiros meses de vida, quando a família está mais receptiva às orientações e em processo de organização das rotinas de cuidado (PINHEIRO et al., 2021; TELES et al., 2021; NUNES et al., 2025). Ao incluir pais, avós e outros membros da rede de apoio, a ação ampliou o alcance das mensagens preventivas e favoreceu que múltiplos cuidadores partilhassem um repertório comum de respostas em situações de engasgo, aspecto também referido por Caroline ao mencionar a diversidade do público (SOUZA et al., 2025).

Do ponto de vista da Enfermagem, a atividade está alinhada à atuação do enfermeiro na prevenção de acidentes infantis e na educação em saúde nos diferentes pontos da rede, com destaque para a Atenção Primária e o pré-natal (LIMA; BARROS; MAIA, 2021). A condução por acadêmicos, sob supervisão docente, aproximou a formação das demandas reais da comunidade e favoreceu competências comunicacionais e pedagógicas, em consonância com propostas que integram ensino, pesquisa e extensão em primeiros socorros pediátricos (SOUZA et al., 2025). Os depoimentos convergem para a percepção de que a experiência foi “muito positiva”, tanto para os participantes quanto para os estudantes, contribuindo para consolidar responsabilidade social e capacidade de traduzir conteúdos técnicos em linguagem clara e aplicável.

Como limitação, trata-se de um relato de experiência sem mensuração formal de conhecimento pré e pós-intervenção, nem seguimento para avaliar retenção do conteúdo e aplicação das manobras em situações reais. Estudos futuros podem adotar delineamentos quase experimentais e instrumentos validados para medir conhecimento e autoconfiança de familiares, ampliando a robustez das inferências (NUNES et al., 2025; SOUZA et al., 2025). Em síntese, os resultados observados — engajamento crescente, participação ativa e ganho percebido de segurança — corroboram a literatura ao indicar que atividades educativas sobre engasgo em bebês e crianças, conduzidas por enfermeiros e acadêmicos, são estratégia relevante para reduzir vulnerabilidades e fortalecer o protagonismo das famílias no cuidado (BRASIL, 2022; LIMA; BARROS; MAIA, 2021; SOUZA et al., 2025).

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações de educação em saúde sobre obstrução de vias aéreas por corpo estranho realizadas com gestantes e rede de apoio em Aracruz/ES mostraram-se viáveis, bem aceitas e pertinentes para a promoção da segurança infantil. Observou-se engajamento crescente ao longo das oficinas, com melhora percebida na capacidade de reconhecer sinais de gravidade, decidir o momento de acionar o serviço de emergência e executar manobras de desobstrução de acordo com a faixa etária. Houve

ainda maior conscientização sobre fatores de risco no domicílio e sobre práticas inseguras que devem ser evitadas.

Para os acadêmicos de Enfermagem, a experiência contribuiu para o desenvolvimento de competências comunicacionais e pedagógicas, favorecendo a tradução de conteúdos técnicos em linguagem acessível e o manejo de dúvidas e ansiedades do público. A condução supervisionada aproximou a formação das necessidades reais do território, reforçando a postura ética, a responsabilidade social e a atuação preventiva da Enfermagem junto às famílias.

Como limitações, trata-se de um relato de experiência, sem mensuração formal de conhecimento antes e depois das oficinas e sem seguimento para avaliar a retenção do conteúdo e a aplicação prática das manobras em situações reais. Em etapas subsequentes, recomenda-se incorporar instrumentos padronizados de pré e pós-teste, reavaliação em tempo oportuno, e registro de indicadores de processo (adesão, satisfação, intenção de uso) e de resultado (tempo de resposta, procura por serviços de emergência), preservando a confidencialidade e os princípios éticos.

Em síntese, a experiência indica que capacitações interativas e baseadas em demonstração prática, direcionadas a gestantes e à rede de apoio, constituem estratégia factível para reduzir vulnerabilidades no cuidado a bebês e crianças, fortalecer o protagonismo das famílias e consolidar uma cultura de prevenção no território. A institucionalização de oficinas periódicas nos serviços de pré-natal e em espaços comunitários, com materiais de apoio e simulação realística, desponta como caminho promissor para ampliar a autonomia de cuidadores e a segurança infantil.

6 – REFERÊNCIAS

1. BONETTI, S. Cartilha: o que fazer quando seu bebê engasgar? Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, 2014.
2. BORGES, S.; SOUZA, U.; PINTO, Z. Vivências do pai/homem no cuidado ao filho prematuro hospitalizado. REME – Revista Mineira de Enfermagem, 2018.
3. BRASIL. Ministério da Saúde. Mais de 94% dos casos de asfixia por engasgo ocorrem em crianças menores de sete anos. Brasília, DF, 02 dez. 2022.
4. CARVALHO, T.; ANTUNES, L. A.; ARANHA JUNIOR, U. Ingestão de corpo estranho (prego) por crianças: manejo conservador. Relatos Casos Cir., n. 2, p. 1–3, 2017.
5. DRUMOND JUNIOR, M.; FREITAS, L. Avaliação da qualidade das informações de mortalidade por acidentes não especificados e eventos com intenção indeterminada. Revista de Saúde Pública, v. 33, p. 273–280, 2015.
6. LIMA, M. C. B. de; BARROS, E. R.; MAIA, L. F. S. Obstrução de vias aéreas por corpo estranho em crianças: atuação do enfermeiro. Revista Recien – Revista Científica de Enfermagem, v. 11, n. 34, 2021.
7. MELO, G. V. S. B. de. Aspiração de corpo estranho em crianças: aspectos clínicos e radiológicos. Residência Pediátrica, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 24–26, abr. 2015.
8. MENDES, K. M.; PONTES, C. B.; MACIEL, M. A. S. Oficinas educativas para gestantes: manobra de Heimlich. Ponta Grossa: Residência Pediátrica/UEPG, 2019.
9. NUNES, N. G. F. et al. Vídeo educativo para familiares sobre prevenção e manejo do engasgo em recém-nascidos: elaboração, validação e avaliação. Escola Anna Nery, v. 29, e20250004, 2025.
10. PINHEIRO, J. C. E. et al. Conhecimento das mães no puerpério sobre a desobstrução das vias aéreas em recém-nascidos. Global Academic Nursing Journal, v. 2, supl., 2021.

11. ROCHA, V. Aspiração de corpo estranho: um diagnóstico sempre a considerar. p. 73–78, 2017.
12. RODRIGUES, M. Aspiração de corpo estranho na criança: um perigo escondido. Nascer e
13. SOUZA, G. O. de et al. Índice de OVACE em crianças: ocorrências e capacitação em primeiros socorros. Nursing (São Paulo), v. 29, n. 323, p. 10820–10831, jun. 2025.
14. TELES, G. J. et al. Conhecimento de puérperas sobre primeiros socorros frente obstrução das vias aéreas em neonatos. Research, Society and Development, v. 10, n. 16, e201101623550, 2021.